

# ACADÊMICO

jornal catarinense de cultura

Ano IV — Nº. 41 — Janeiro/Fevereiro de 1979  
BLUMENAU — SC. — Cr\$ 5,00

## Editora Sul

Fundada em fevereiro de 1979 em Blumenau por um grupo que reúne em seus membros: intelectuais, jornalistas, publicitários, livreiros e funcionando num sistema de cooperativa, a nova editora já tem um título para o mês de junho — OUTROS CATARINENSES ESCREVEM ASSIM.

A editora propõe-se a divulgar a literatura catarinense, tanto em ficção como em livros didáticos. Na próxima edição do jornal, traremos os detalhes de seu funcionamento, bem como, o Conselho Editorial que primará pela seleção dos textos e conteúdo dos livros a serem editados.

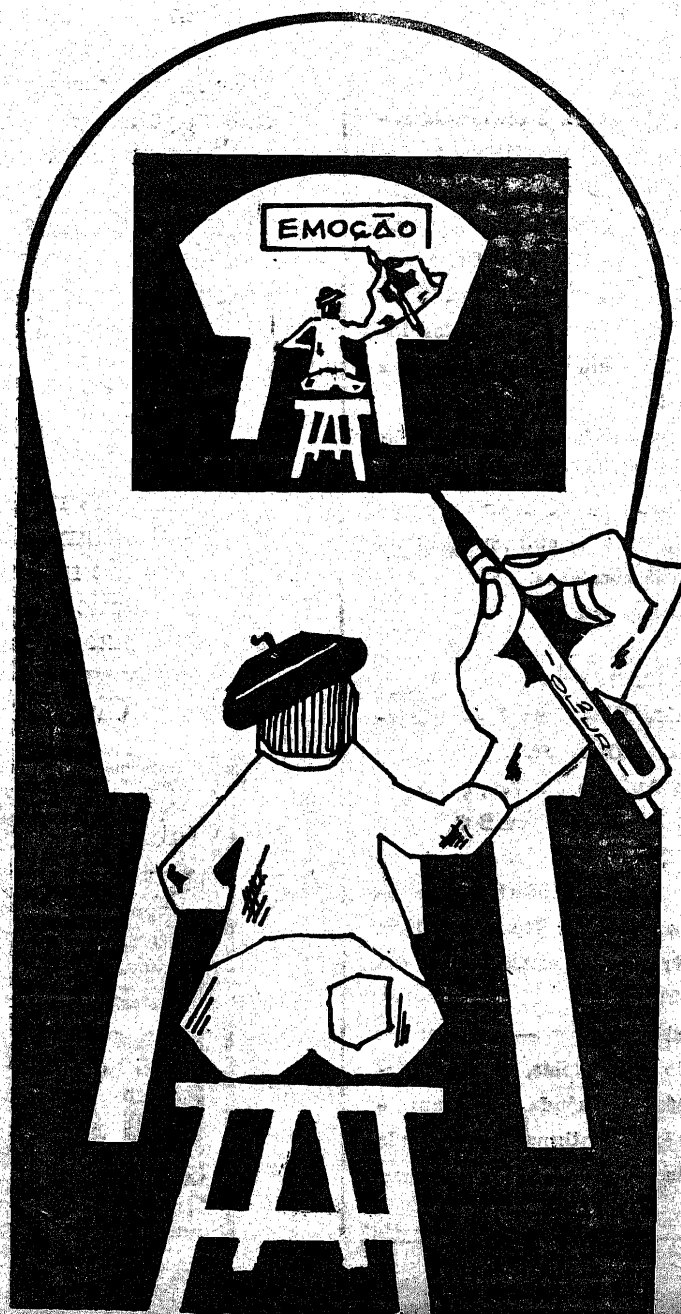


## Revolução em março

A partir do mês de março, o Jornal Acadêmico contará entre seus colunistas, importantes escritores, como: Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio e Plínio Marcos.

Outros nomes (ainda não confirmados) fazem parte da lista. Isso tudo para celebrar a tiragem de 10 mil exemplares, dessa vez em off-set, circulação em todas as universidades brasileiras e em outros países (circulação dirigida), Estados Unidos, Argentina, Grã Bretanha, Portugal, Chile e México.

Também, uma importante entrevista dada por Dom Evaristo Arns com exclusividade para o Jornal Acadêmico, quando visitou Blumenau em 1978.



**ACADÊMICO**

Idealizado em maio de 1975 e com o seu primeiro número lançado em junho desse mesmo ano.

Participou no mês de dezembro (7 meses após sua fundação) do P.ê.m.o Parker de Jornalismo Estudantil onde foi laureado com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pela Parker Pen do Brasil em todo o território nacional.

**Fundadores**

Seus fundadores são:

Oldemar Olsen Jr.

Maria Odete O. Olsen

Domingos Sávio Nunes

Roberto Diniz Saut

Fred Richter

José Luiz Dias de Souza

Nasceu de uma necessidade urgente de constituir-se um órgão que veiculasse opiniões, críticas e pensamentos que conduzissem ao debate, a polêmica e outras reflexões construtivas capazes de transformarem.

O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades brasileiras e mesmo, em algumas estrangeiras: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta. Catarina e Brasil.

Jornal sério que se propõe, dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e de cultura; para isso, está com suas portas sempre escancaradas.

**EXPEDIENTE**

Diretor Responsável — Oldemar Olsen Jr.

Rua Antonio da Veiga, 140

C.P. 1124 Blumenau S.C.

89.100

Redatores — Maria Odete O-nório Olsen; Roberto Diniz Saut; Celso Vicenzi; Alexandre Hackbarth.

Colaboradores — Intelectuais gente com idéias, enfim, elementos que ainda acreditam e por isso continuam brigando junto conosco por algo melhor.

# A volta do Contestado

Estamos levando ao seu conhecimento a rearticulação do Jornal Contestado, que brevemente estará circulando normalmente dentro de sua proposta política já conhecida por todos que acompanharam este mensário em suas cinco primeiras edições.

A paralização temporária do jornal deu-se por motivos principalmente financeiros. Outros contratemplos concorreram também à abertura deste intervalo que decorrerá entre o número cinco e o seis, o qual já está sendo preparado.

Imediatamente, a partir da publicação

todos os assinantes passarão a receber o Contestado regularmente, o qual, temos certeza, sairá revigorado e com uma equipe bem mais experiente.

Por outro lado, comunicamos que a sede do Contestado possui novo endereço: Rua Felipe Schmidt, 27 — sala 506 — Ed. Dias Velho — Florianópolis — S.C.

Sem mais para o momento pedimos excusas pelo atraso do jornal e deixamos aqui nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente

C.R. Valdir Alves

**Curso Moderno de Direito Processual Civil**

Formulamos a presente para comunicar-lhe o lançamento do primeiro volume do "Curso Moderno de Direito Processual Civil" do Prof. Néelson Godoy Bassil Dower, com a finalidade de substituir o seu atual "Curso Renovado de Dir. Processual Civil".

Foram introduzidas profundas modificações sendo a principal a substituição dos questionários e exercícios existentes no final de cada capítulo, pelas emendas de acórdão dos mais recentes. A parte teórica também recebeu radical mudança.

A despeito disso, tomamos a liberdade de consultar o ilustre mestre, a pedido do autor, se as referidas mudanças foram para melhor ou para pior, apontado, ainda, os defeitos e as qualidades. Enfim, gostaríamos de que V.S. fizesse sucinta análise crítica a fim de que o autor pudesse melhor se orientar nas futuras edições.

O curso está previsto para quatro volu-

mes e a gratidão seria imensa se V.S. nos escrevesse sobre os aspectos que, segundo sua experiência profissional, melhor se adaptaria como elemento didático para o aluno e, ao mesmo tempo, servisse para o professor, advogado e magistrado.

Esperamos, pois, que V.S. coopere conosco e com o autor enviando suas críticas e sugestões, bem como os nomes de seus colegas que atualmente regem a disciplina de Direito Processual Civil nas Faculdades onde V.S. leciona, para que possamos também enviar a obra.

Sem mais e agradecendo pela inestimável colaboração, subscrevemo-nos.

Atenciosamente

Diretor do Departamento Cultural

Paola Lobozzo

Editora Nelpa Ltda.

R. José Bonifácio, 135 — 6º. and.

São Paulo

03.243

**Baile dos Calouros será em abril**

Uma das mais tradicionais festas estudantis de Blumenau terá, esse ano, sua data de realização no dia 7 de abril.

O "Baile dos Calouros", importante confraternização estudantil principalmente do universitário de Blumenau, será realizado no Clube Caça e Tiro de Blumenau.

A promoção é coordenada pelo Diretório Central dos Estudantes.

Esse ano, os elementos que estão organizando o evento, prometem muitas novidades, máquinas de fumaça, bolhas de sabão, etc.

A promoção da festa será realizada na FURB e na cidade de Blumenau, através de Rádio, Tv e jornais.



**marcenaria  
FLORENCIO**  
Rua República Argentina Nº 3702 Blumenau SC

Leia, Divulgue e Assine

Acade=  
mico

# A guerrilha do Araguaia

Uma guerra na selva brasileira (1972 - 1975)

Na era da comunicação, graças ao poder da censura, uma guerra que envolveu a participação de mais de 5 mil homens das Forças Armadas contra quase 70 guerrilheiros foi escondida da opinião pública do país. A censura prévia aos jornais, rádio e televisão anunciava aos brasileiros um estado de pretensa paz e tranquilidade. Mas, no sul do Pará havia combates: o Exército, a Marinha e a Aeronáutica caçavam os guerrilheiros do Partido Comunista do Brasil que tinham a sua base de operação num espaço equivalente à área dos estados de Sergipe e Alagoas juntos. Durou dois anos e meio a operação militar sem que a maioria da população brasileira sequer suspeitasse do que acontecia.

Somente alguns jornalistas, autoridades e — evidentemente — os censores sabiam o que se passava. Durante 5 anos os reporteres Palmério Dória de Vasconcelos, Sérgio Buarque de Gusmão, Vincent Caralli e Jaime Sautchuk foram colecionando informações esparsas que apareciam na imprensa apesar da vigilância dos censores, colecionaram o jornal Araguaia, editado no Rio, em apoio aos guerrilheiros e que era enviado "religiosamente" as redações dos jornais. Durante esse período informaram-se sobre a região, passaram por lá várias vezes a serviço, entrevistaram bispos, padres, camponeses; militares; moradores das cidades da área conflagrada. Em 1977, prévia à imprensa, encontraram José Genuino Neto. Um dos poucos sobreviventes da guerrilha do Araguaia, 32 anos, ex-presidente do DCE da Universidade Federal do Ceará, um dos presos de Ibiuna em 1968 Genuino foi capturado no Araguaia em 1972, mas só pode falar sobre os acontecimentos da guerrilha em 1975, através de uma carta-defesa escrita em 30 laudas, letra miúda, cujo original estava nas mãos dos reporteres.

Genuino estivera na Araguaia, participou de toda a preparação política e militar da guerrilha e estava disposto a falar. Durante semanas a fio o ex-guerrilheiro falou, e seu depoimento completou o quadro da reportagem até aquele momento impubescível.

No início de 1978, entretanto, a revista Reporter 3 decidiu-se a falar sobre o assunto. Mas exigia que, ao lado da reportagem original, aparecesse também, a versão oficial sobre os acontecimentos do Araguaia. Um repórter foi falar com o general Viana Mo-

og, um dos comandantes das tropas do Exército no Araguaia. Mas dele só ouviu a informação de que o assunto era segredo militar. Só o Estado-Maior poderia falar sobre aquela que o general considera "a mais bela campanha do Exército, mais bela que a da FEB na Itália".

Alguns meses depois, o Coojornal, mensário da Cooperativa dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, interessou-se pela matéria e publicou parte dela. Depois disso, o semanário Movimento voltou a atacar o problema e conseguiu entrevistar o general Hugo Abreu, comandante dos paraquedistas durante a operação militar. Entrevistou, também o senador Jarbas Passarinho que, na época da guerrilha era Ministro da Educação e membro do Conselho de Segurança Nacional. Esta mesma reportagem de Movimento foi, depois, reproduzida no Jornal Cinco de Março, de Goiás, no Resistência, de Belém e no Latin America, de Londres.

E a guerrilha invadiu a imprensa: a revista Isto É comprou a matéria do Coojornal fazendo dela um resumo, na mesma semana em que Veja trazia a sua reportagem sobre o assunto.

Enquanto isso, os reporteres prosseguiram na elaboração de sua matéria, que agora evoluía para a forma de um livro, ganhando mais profundidade, dimensão analítica, força de documentação histórica. E foi aí que surgiu a oportunidade de publicá-lo: o editor Fernando Mangarielo que procurava uma reportagem do calibre de A Guerrilha do Araguaia para inaugurar uma nova linha de publicação — a coleção História Imediata. E esta coleção livros em formato não convencional para serem editados em grandes tiragens e vendidos através de bancas de jornais — tinha justamente o objetivo de publicar os trabalhos jornalísticos que não encontram acolhimento na grande imprensa comercial, como forma de documentação da realidade política do Brasil atual. O trabalho de Palmério e seus colaboradores preenchia os requisitos necessários e, assim decidiu-se, sem mais perda de tempo, lançar a nova coleção. O texto recebeu sua forma final, partiu-se para o planejamento gráfico a edição de fotografia e o resultado aí está: A guerrilha do Araguaia volume I da Coleção História Imediata, da Editora Alfa-Omega, um livro-reportagem de Palmério Dória de Vasconcelos, Sérgio Buarque de Gusmão,

Vincent Caralli e Jaime Sautchuk.

Em sua forma final, o livro traz a integral do depoimento do ex-guerrilheiro José Genuino Neto, com cerca de 80 laudas, narrando com detalhes e exclusividade toda a fase de preparação da luta armada. Traz também depoimentos de representantes da Igreja, o relato dos índios suruis sobre o fim da guerra, a narrativa dos combates segundo o jornal Araguaia.

O texto contém, ainda, o programa de 27 pontos e o regulamento militar das Forças Guerrilheiras do Araguaia, pela primeira vez publicados integralmente e uma apresentação do sociólogo José de Souza Martins, professor da Universidade de São Paulo e estudioso dos problemas agrários do Brasil. A reportagem é complementada e documentada com mapas e fotografias, "quase um texto a parte", segundo a equipe de paginação da obra.

Na continuação da coleção História Imediata, que se inicia com a A Guerrilha do Araguaia, a Editora Alfa-Omega publicará A Greve na Voz dos Trabalhadores — da Scania a Iti, uma obra coletiva de 35 jornalistas e pesquisadores cuja responsabilidade do texto pertence à Oboré Editores e Serviços Jornalísticos.

## FICHA TÉCNICA

A Guerrilha do Araguaia, 80 pp., Coleção História Imediata, Vol. I, Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1978, Cr\$ 35,00 — Formato 19 x 28 cm. Distribuição Editora Abril.

Palmério Dória de Vasconcelos — 29 anos, paraense, jornalista profissional há 10 anos, trabalhou para Realidade, O Estado de S. Paulo, TV-2 Cultura, Ex, Aquí; Folha de S. Paulo.

Sérgio Buarque de Gusmão — 29 anos; paraense; jornalista profissional há 11 anos; trabalhou para Veja; Realidade; O Estado de S. Paulo; Movimento.

Vincent Caralli — 25 anos; parisiense; naturalizado brasileiro; ex-indigenista; reporter fotográfico há 2 anos, trabalhou para Isto É; Coojornal e fotografa, atualmente, para Movimento.

Jaime Sautchuk — 25 anos; catariense; trabalhou para O Globo; O Estado de S. Paulo; Opinião; Movimento e Jornal de Brasília. É atualmente reporter da Veja.

Capa de Paulo Orlando Lófer de Jesus, produção e diagramação Virgínia e Sérgio Fujitwara.

EDITORA ALFA — ÔMEGA

Rua Usboá, 502

Cerqueira César — São Paulo — SP.

05.413

Nova Geração de Máquinas



31-E, 32-E e 33-E

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA  
 CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296  
 Blumenau Santa Catarina

# Humor

## Dr. Lisandro

(Carlos Adauto Vieira)

Recém-formado, pareceu ao dr. Lisandro que aquela cidade lhe oferecia excelente campo para o desenvolvimento das suas atividades profissionais. Não era uma cidade grande, mas ser progresso era visível, sensível, graças à pujança econômica, representada pela indústria e comércio e uma agropecuária evoluidíssima.

Lá chegando, tratou de percorrer num passeio de reconhecimento, quedando-se admirado da limpeza das ruas, do aspecto saudável da população, das belas vivendas floridas por jardins bem tratados, tudo a revelar a cultura dos que, vindos da Europa, aqui se radicaram, criando uma cidade, onde aplicaram as suas experiências de além mar.

Depois de haver caminhado bastante, observando com olhos de ver, consultou o relógio e achou ser tempo de procurar um colega, para quem trouxera carta de apresentação e de recomendação.

Tendo entregue ao secretário do mesmo o seu cartão de visitas, foi logo introduzido no gabinete do colega, que o recebeu efusivamente, fazendo pergunta sobre os pais, sobre amigos, sobre a capital. E por fim sobre os planos do recém-formado.

— Quero trabalhar e tenho bastante disposição.

— O começo é sempre árduo, sabe?

— Sei. Tenho algumas economias e penso que elas me poderão manter por algum tempo, até me conhecerem e virem os clientes.

— Ótimo. O seu espírito de luta é bom sinal. Já lecionou alguma vez?

— Só no cursinho da faculdade. Preparava os rapazes para o vestibular.

— Mas isto é excelente. Acho que tenho uma boa vaga para você. De começo vai ajudá-lo. Até se tornar conhecido. Amanhã as 10 horas apareça aqui no escritório. Certo?

No dia seguinte, um pouco antes da hora assinada, Lisandro estava aguardando na sala de espera do gabinete do colega. Este, pontualmente, o atendeu e, levando-o de carro até o colégio, apresentou-o ao diretor:

— É o colega de quem lhe falei e que, talvez, possa lecionar. É questão de vocês se acertarem.

O diretor explicou-lhe o que ocorria. Faltavam professores. Os de fora nunca queriam vir, porque o salário não era alto. Entre os liberais da terra eram escolhidos os mestres, muitas vezes improvisados. O colégio, apesar das dificuldades, teimava em manter-se para proporcionar ensino aos jovens da cidade, principalmente dos que não possuíam meios de estudarem em outros centros.

— Temos vagas: História, Geografia e Matemática. Poderia preencher alguma delas; ou, mais de uma?

Lisandro, honestamente, disse que só poderia ocupar-se de Geografia e História. Não se sentia capaz de ensinar Matemática.

— Está ótimo. Vou dar-lhe o programa. O senhor prepara as aulas e começa na segunda-feira, se não quiser fazê-lo antes. Certo?

Tudo combinado, conduzido no carro do colega, Lisandro voltou ao hotelzinho, onde se hospedara. Estava confiante. Entusiasmado. Agradeceu a oportunidade que o outro lhe dera e

subiu para o quarto.

Mercê de sua inteligência da ampla cultura e de uma didática nata, saiu-se muito bem na cátedra. Angariou desde logo, simpatia e respeito da classe. Os alunos o estimavam e admiravam. E Lisandro, em troca, dava-lhe toda a atenção, preocupando-se realmente em os ensinar e em os fazer aprenderem. Dai a grande mágoa pela maneira de falar e escrever dos seus alunos. Incorreta, sobretudo. Com preendeu, entretanto, que era menos por culpa do professor de Português, do que pela influência das línguas européias, mal faladas em casa, no serviço e, mesmo na rua, as quais criavam aquela confusão de expressões, termos e definições. Ademais os descendentes dos colonizadores, via regra, no lar, até aos sete anos, só falavam a língua dos pais e do avós.

Mas urgia, pensou Lisandro, expondo seu pensamento a união mensal dos

problemas e dizer algo, combater aquele monte de coisas. Se todos se empenhassem exigindo o máximo de perfeição em linguagem, os alunos por certo, lograriam aprender-se no idioma pátrio. Leu algumas provas com que pretendia demonstrar as incorreções do vernáculo. Falou, argumentou, arrazoou em meio a um silêncio geral, que começou a apavorá-lo. Estaria falando de corda em casa de enforcado? Ou estaria simplesmente sendo ousado, atrevido na qualidade de professor mais novo?

Nada disso. E teve certeza, quando um dos mestres, renomado professor de Física e Química, apesar de bastante moço, o apartou, dizendo e fazendo um gesto de abano com a mão esquerda:

— Bah, doktor, não recisa ebisplicar tanto. Zenhor dem muinto razon. Este trincas prá falar zon funfas.



MINI MERCADO

FIAMBREIRA GLOBO

Rua XV de Novembro, 1464  
 (em frente ao Banco do Brasil)  
 Fone: 22-5036

Blumenau

Santa Catarina

ENTREGA A DOMICILIO



# FINASC

Somando recursos para multiplicar benefícios

## LITERATURA

## A VITIMA

Conto de

Antonio Juraci Carlini

Noite fria de inverno. O vento continuado, enregelante. E na ausência do vento, a geada. De manhã a gente levante a não vê mais o verdor da paisagem. Só branquidão espalhada pela amplitude da campina. E o frio implacável, cortante.

Dependurada no outeiro, a palhoça pobre dá pena de se ver. Difícil acreditar que morem ali seres humanos, gente de carne e osso, nossos semelhantes. A noite de inverno vai cobrindo a paisagem, espalhando uma camada de algidez sobre tudo o que encontra. A palhoça tris-

te, açoitada pelo vento frio. A luz frouxa do lampião-aquerosene derrama-se dentro do recinto de chão batido. A vozinha esganiçada de desfalhecimento do doentinho perde-se no meio da miséria:

— Mamãe, tô com frio...

Triste figura aquela. Os olhos pretos da mulher contemplam a criança magricenta ardendo em febre. Nada pode fazer. E o queixume continuado noite a fora.

— Mamãe, tô com frio...

A mulher esconde a palidez do rosto entre os dedos descarnados. Enxuga a lagrima corrediça num trapo sujo de manga. Tenta murmure-

jar um consolo, mas a voz não sai.

Porcaria de vida! Se ao menos o Zeca estivesse ali para ampará-la. Ah, se o Zeca fosse ao menos esposo e pai extremoso como há muitos! Por onde andaria o desgraçado a essas horas da noite? Com certeza no boteco do Inacião, quente de cachaça, babando-se porcamente, de língua grossa e mal-faladeira. Peste de marido aquilo! Sempre bêbado, baforento. Não valia um cartucho!

A noite caminha vagarosa no seu itinerário rumo à madrugada. Quase dia. A lamú-

ria ainda é a mesma, embora mais débil:

— Mamãe, tô com frio...

O olhar parado na distância. A voz sumindo, calando. As mãozinhas secas tentando agarrar uma imagem fugida:

— Mamãe, o anjo... o anjo...

O vento completou a canção que o menino calou no mergulho do fim...

Um soluço desperta a manhã de passarinhada pienta. O peito dilacerado da mãe chora a morte do filho. Desamparo. Desespero. Enquanto isto, o mais desgraçado dos homens, cambaleante, tenta encontrar o caminho de retorno a casa.

## TRIADE

Cirineu M. Cardoso

Séculos

somando séculos

Pão.

Paz.

Liberdade.

Marcha

grande massa

é o áspero chão

é o sinuoso caminho

é a troca de roupas

é a muda de peles

é o nascer

é o morrer

e novamente nascer

por séculos somando séculos

cordão fibroso

que avança

deixando nos largos passos

as pegadas de glórias

e as construções de aço

Séculos

somando séculos

içando sobre o tempo

flâmulas

de avanços e recuos

plantando ossos na terra

com suor

sorrisos

e lágrimas

Séculos

somando séculos

Pão.

Paz.

Liberdade.

## DOIS CORPOS

Pinheiro Neto

Na carne somos só mais um.

Dois seres num prazer sem dó.

O tempo corre, some a idade.

O temor se apaga. Vive a verdade.

Ato isolado em fértil período.

Mãos que se buscam sem se tocar.

Amor ferido a ansiar prazer.

Corpos, contato. Fogo de dor a crescer.

Noite minuto de prazer infindo.

Corpo menino a descobrir viver.

Glória, saudade, saber que se apaga.

Separados corpos na cama calada.



toalhas

ARTEX

A MODA EM TOALHA — Blumenau S.C.

ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA

Rua Monte Alegre, 1434  
05.014 — São Paulo — (SP)

# O Professor como do Ensino de I e II G

O desenvolvimento científico e tecnológico forçou a escola secundária a perder o seu caráter propedêutico aos cursos superiores, passando a atender um grande número de estudantes que se destinam ao exercício de variadas profissões, logo após a conclusão de seus cursos. Necessário se torna, portanto, proporcionar ao educando um tipo de preparação que favoreça a sua adaptação as mudanças que ocorrem no mundo de trabalho e que são decorrentes desse avanço técnico, científico e econômico. Por isso, muitos países, mesmo quando tratam do ensino técnico procuram dar maior amplitude aos conhecimentos básicos gerais, e tendem ao mesmo tempo retardar as especializações para idades posteriores. "A formação geral é que proporcionará ao educando uma capacidade maior de se ajustar ao futuro ambiente de trabalho, de aprender melhor os problemas, de desenvolver-se pela auto-educação, de criar atitudes favoráveis ao trabalho e a ambição de progredir".

Na preparação do técnico, muitos conhecimentos de base tornam-se indispensáveis. Estes poderão ser utilizados, direta ou indiretamente durante toda a vida, e servirão também para aquisição de certas capacidades necessárias à ação, ao desenvolvimento do espírito criador e crítico do mais apurado raciocínio.

"A medida que cresce a necessidade de uma educação especializada, deve-se assegurar uma firme e vigorosa base de educação geral, que permita a cada técnico, o necessário desenvolvimento de um homem que tenha consciência dos seus deveres morais

sociais e profissionais". (6)

"A educação daria assim aos estudantes os valores, atitudes, conhecimentos e habilidades que os ajudariam a viver corretamente e bem na sociedade contemporânea". (A importância da educação geral vem-se tornando crescente nos últimos anos, como decorrência, entre outras razões, da extraordinária expansão do conhecimento, produzida em larga escala pela especialização levando a modificações atualizadas dos sistemas de ensino pela crescente complexidade da sociedade).

A escola de nível médio poderá se responsabilizar tanto pela educação geral como pela educação técnica, dispensando-se assim aquela divisão tradicional entre uma escola para ensinar humanidade e (6) Mantovani, Juan — Adolescência. Buenos Aires-México-Espanha. Calp. 101.

uma outra destinada à educação especial que ao mesmo tempo se tornava eclética, inserindo no seu currículo também disciplinas de caráter científico.

Esta junção curricular torna mais complexa a tarefa do planejador que deverá manter o equilíbrio quantitativo e qualitativo entre os dois tipos de disciplinas, as de caráter geral, como destinação histórica da escola de segundo grau, particularmente da escola secundária.

Teoricamente vamos encontrar dois tipos de educador: O Educador Natural e o Educador Profissional.

Entendemos por educador natural o indivíduo que desempenha sua tarefa, estribado nas tendências particulares e inatas de sua personalidade e que lhe dá satisfação pessoal. Poderíamos chamar

vocação.

Neste sentido tal personalidade, revestida de um ilimitado idealismo busca triunfo ignorando as dificuldades de trabalho, insuficiência financeira e outros problemas que de um modo direto ou indireto possam turvar ou enfraquecer o seu furor idealístico.

Este espírito fundamenta-se em dois fatores.

O primeiro, pietismo, disfarçado por uma abertura protetora da sociedade e dos discípulos; e o segundo, a doação total a serviço da causa que abraçou.

Não significa que o professor não necessite dessa vocação para o desempenho de suas funções. O que não podemos é considerá-la exclusivamente, em termos prioritários. A formação do profissional de magistério tanto ao nível primário, secundário ou de universidade exige um grau elevado de fundamentação teórica e simultaneamente, consagração, habilidade e finalmente vocação.

No aspecto cultural a formação do professor deverá se firmar numa sólida educação geral não no sentido puramente intelectualista ou livresca, mas que o futuro professor possa dispor de elementos e informações suficientes que objetivem um suporte cultural que sustente o aspecto técnico da profissão. Assim não terá sentido uma formação cultural apenas endereçada no seu aspecto vertical, mas que esse também se desenvolva no sentido horizontal.

Uma educação geral para o professor não terá sentido se ele não tiver uma consciência crítica da sua bagagem cultural. Por outro lado, um professor altamente especiali-

zado que perde de vista as relações sociais, espirituais e éticas da sua profissão, converte-se, como diz Luiz Arturo Lemus, num artesão de ensino que domina um tanto de conhecimento cultural, o mínimo necessário para cumprir com as demandas programáticas, acompanhado das receitas metodológicas para a transmissão de conhecimentos. É dizer, sem domínio de razão, fundamento e finalidade, nos conteúdos de ensino, é carente de recursos para fazer de seu trabalho docente um trabalho científico e criador.

Conforme já nos referimos anteriormente, a educação geral, deve fazer do homem uma individualidade completa, com perfeita compreensão de si mesmo e de seu lugar na sociedade.

Para que esta meta seja na sua totalidade atingida, necessário se faz que as suas etapas se apliquem na própria formação do professor do ensino de primeiro grau.

No Brasil, a escola para a formação desses professores data de 1935, formando professores a curto prazo. O candidato ao magistério ao concluir o primário era conduzido à Escola Normal onde se lhe conferia a curto prazo o direito de exercer legalmente a profissão.

Estes cursos apresentavam um fraco currículo onde pouco ou quase nada de cultura se proporcionava, atingindo as raias do insatisfatório. Ora, sem uma fundamentação, como poderia o futuro professor dispor de elementos que o levassem a compreensão dos conteúdos pedagógicos?

# agente da reforma grau

PROFESSOR CARLOS CÉSAR SOUZA  
 — TITULAR DA DISCIPLINA PSICOLÓGICA DA  
 EDUCAÇÃO — FURB  
 — PROFESSOR DE DIDÁTICA E FUNDAMENTOS  
 DA EDUCAÇÃO DA UFSC.

Esta deficiência era até certo ponto consciente. Justificava-se a inexistência de disciplinas de caráter cultural nos currículos das Escolas Normais e que o professor primário não necessitava saber porque ensinava noções elementares.

É de grande responsabilidade a função que exerce: porque é o professor de 1o. grau que vai marcar a personalidade do aluno com a educação sistematizada. Ora, a educação de base não se sintetiza na alfabetização e em noções elementares de aritmética. Mas no que tange aos aspectos sociais da Educação, o professor necessita possuir uma visão ampla e precisa de âmbito planetário e científico de campo vital da sociedade e isso só lhe é proporcionado pela Educação Geral combinada com a Educação Técnica. Não estamos em era de enfoques lineares. Num século onde as crianças discutem as causas e as consequências das guerras do Oriente, do Vietnam, assistem as experiências espaciais pela TV, discutem o aspecto político das várias nações, confronta fatores não lhe é justo confiar a continuidade desta educação e professores médios.

Estas crianças, inseridas num contexto global de sala de aula, ambiente de estandardização, não se deixarão influenciar pela cultura dos "Sebentos Cadernos", da obsoleta professora. Então estas crianças dependendo do critério utilizado para o julgamento serão enquadradas no código anti-social da mediocridade, que as selará de revoltadas, inadaptáveis, líderes negativos, anti-sociais, em

fim elementos nocivos ao desenvolvimento "Normal" dos seus coleguinhas.

Um aluno possuidor de um QI elevado teria dificuldade para aceitar uma educação estruturada sobre o obsoleto e a inércia. Claro que será um desajustado. Quando o professor se conscientiza da sua falta de preparo e admite, classifica de Gênios estes alunos o que não afasta também a hipótese de nocividade.

Acontece que esta escola normal nunca normalizou seus objetivos para a formação de professor. Esta meta não foi a única para este curso mas sim uma das várias a ele atribuídas ou a que propõe... Mas não sejamos tão negativistas. Admitamos que a própria realidade social tenha desviado suas metas. Então, tornou-se, nas palavras da professora Marta José Garcia Werebe, "Verdadeiro Liceu para moças" ou como qualifica o professor Lauro de Oliveira Lima, "A Escola da Sinhá Moça". Com este caráter não profissionalizante, abertas estão as portas para uma clientela com o objetivos puramente sociais sem qualquer motivação para o exercício do magistério.

Creemos que já é chegada a hora para repensar os objetivos da Escola Normal bem como na reestruturação do seu currículo. Não pode o curso normal continuar sendo procurado por uma clientela que visa um diploma, um curso fácil, um caminho mais suave para atingir a universidade e se preparar para o ofício de maternidade. Diante das presentes transformações que a sociedade atravessa no momento e as que o ainda se

hão de derivar, continuando o curso Normal com essa mesma clientela, o desprestígio do curso e de seus currículos o conduzirão ao mais elementar dos níveis. Assim a marcha do desenvolvimento o forçará a ser o curso obrigatório para a formação de Empregadas domésticas e Babás para as crianças do século XXI. O absurdo! Por outro lado, se as reformas previstas ou sugeridas nesse trabalho conseguirem sensibilizar os órgãos educacionais a quem competem as responsabilidades, consequentemente necessário se faz a adoção de critérios objetivando selecionar a clientela que busca o magistério de primeiro grau. Consequentemente exigirá desse novo educador qualidades profissionais mais refinadas.

Assim ele será o técnico, isto é, profissional possuidor de uma formação acadêmica específica, que faz dele um profissional propriamente dito. Por outro lado, um especialista metodologicamente preparado, obtendo-se do profissional também um técnico.

Um especialista apenas é exigir muito pouco daquele que se propõe educar. O fato da Educação é social e para compreendê-lo em toda a sua extensão é fundamental que o professor conheça a Sociologia da Educação... A Sociologia é baseada na realidade de cultura social, política, econômica e a política dos povos levará o professor a definir melhor seus objetivos, bem como a compreensão dos comportamentos e ritmo da integração entre os Educandos, Educadores e o Lar. Além disso, o conhecimento sociológico, biológico e psi-

cológico do educando é de grande utilidade para o professor de ensino de primeiro grau, porque são os aspectos em que se apoia a comunidade e esta no indivíduo, encarando-o como ser humano que atua em situações sociais.

Ainda como ciências humanas não pode o educador desconhecer noções básicas de filosofia geral e da educação necessária para que o professor saiba estabelecer os fins e as metas mais significativas do fato educativo no qual ele professa.

No que se refere a remuneração do professor, a literatura é bastante farta e todos já sabem e de longa data que o conceito de educação se modifica, modificaram-se as técnicas de trabalho, mas a quantia percebida pelo professor e sua profissão continua sendo interpretadas como "Um Sacerdócio".

Atividade um tanto desvalorizada ao invés de lhe promover na escala social e profissional.

É um sábio, que por falta de um nível econômico, financeiro equilibrado ao nível cultural, não marca presença no contexto comunitário a não ser como uma simples peça da máquina Educacional.

Fato que, esperamos seja totalmente modificado pelo Estatuto e Carreira do Magistério, através da sua Profissionalização, com uma remuneração condigna conforme consagra a própria Lei 5692/71.

(Prof. Carlos César Souza)  
 Furb — Blumenau — SC.

# Fatos & Boatos

## "A verdade de um revolucionário"

O livro de memórias do General Mourão Filho, foi liberado pela justiça gaúcha, através do Juiz João Loureiro Filho. Ato louvável e muito dentro da tal "abertura" governamental, mereceu euforismos como este: "completa, profunda e erudita. Ela compõe o mais glorioso epítáfio que Mourão Filho poderia ter ousado imaginar: Único chefe militar que se colocou à frente de suas tropas quando a situação era ainda indefinida, avesso à

qualquer espécie de ditadura... etc. etc. e, sim, há juizes no Rio Grande. "Será que o Chico Buarque de Holanda, vai precisar se transformar em póstumo, para que sai uma edição especial com todas as suas canções? Será que o brasileiro terá também de se transformar em póstumo, para que sua realidade possa ser contada sem impedimentos comprometedores? Mas daí, terão algum significado as cinzas para a história?

## Agora, eles vão debater a vacina anticária

Como nessa terra tupiniquim seca e enchente não tem mesmo solução o negócio é não deixar a bola murchar, e desviar a atenção do populacho desvairado para outro assunto — por exemplo, o IV CORIG ou, IV Congresso Odontológico Rio-Grandense e XIV Congresso Brasileiro de Odontologia.

O mes escolhido para tal evento será o de julho. E novamente haverão revoadas de eméritos e desconhecidos aficcionados do gênero... promessa também não faltarão. Mas o povo, podem crer, continuará a dar seus gritos e sussurros, por entre as fundas bocais apodrecidas.

## Jornalistas Processados

Os editores do jornal "Resistência", publicado em Belém pela Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SPDDH), prestarão depoimento sumário na Auditoria Militar da 8a. Circunscrição da Justiça Militar, como incursos no Artigo 14 da Lei de Segurança Nacional, "por divulgarem notícias tendentes a indispor o povo contra as autoridades constituintes". O artigo 14 prevê a prisão de dois a cinco anos para seus infratores.

Luiz Macklouf Carvalho, Paulo Fontelles e Hecilda Veiga deverão prestar depoimento assistidos pelos advogados da SPDDH e o representante

da Comissão de Ética e Liberdade de Imprensa do Sindicato dos Jornalistas do Pará. Luiz Macklouf é o editor de "Resistência", que teve seu número 5 apreendido no ano passado pela Polícia Federal por divulgar vários depoimentos, entre os quais os de Paulo Fontelles e Hecilda Veiga, sobre torturas praticadas no prédio do Ministério do Exército, em Brasília.

### "MOVIMENTO"

O Editor responsável do jornal "Movimento", Antonio Carlos Ferreira, acusado de "denegrir a imagem do atual e do futuro presidente da República", prestará no-

vo depoimento na 2a. Auditoria da 2a. Circunscrição da Justiça Militar. Além dele, serão ouvidas tres testemunhas apresentadas pela defesa: senador Paulo Brossard, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho e o jornalista de "O Estado de São Paulo", Evandro Paranagua.

Antonio Carlos Ferreira está sendo processado com base nos Artigos 16 e 32 da antiga Lei de Segurança Nacional por causa de matérias publicadas pelo semanário acusando corrupção no Governo e divisões nas Forças Armadas. Foi convocado para um segundo depoimento

devido as novas denúncias anexadas ao processo referentes a charges publicadas pelo jornal que, no entender do procurador do Superior Tribunal Militar, ferem a dignidade do presidente Ernesto Geisel e do presidente eleito, general João Baptista Figueiredo.

O Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo divulgou nota, conclamando os jornalistas a comparecerem à Auditoria amanhã, "como forma não só de solidariedade ao jornalista ameaçado, mas também de defesa da liberdade de imprensa, a verdadeira ré desse julgamento".

## Curso de Verão na FURB

Está acontecendo na FURB, curso a nível de pós-graduação nas áreas de Economia, Ciências Contábeis e administração. O tema desenvolvido na primeira semana de aulas, foi Metodologia da Pesquisa, que foi abordado pelo professor Cláudio de Moura Castro da Fundação Getúlio Vargas do Rio, pós-graduado nos Estados Unidos.

Na segunda semana, as aulas foram sobre a Metodologia do Ensino Superior e ficaram a cargo das professoras, Ella Altemburg e Gertrudes Kniss Medeiros, da Furb, com títulos de mestre pela Universidade do Rio Grande do Sul.

Este curso aconteceu entre os dias cinco e dezessete, deste mes. Ma:

ração prevista será até o ano que vem. Funcionará apenas, nos períodos de férias, dada a limitação de tempo dos professores que o estão administrando.

Pagando uma taxa de tres mil cruzeiros, foram noventa e seis os candidatos que se inscreveram, atendendo aos chamados pós-graduais.

# Livraria Acadêmica

AGORA MAIS PERTO DE VOCE

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina



# A nova escola esqueceu o ensino humanístico

JACQUES WAINBERG

A radical divisão que havia no antigo sistema de ensino entre o clássico e o científico — hoje correspondendo ao segundo grau — começou, na década de 60, a ceder espaço à concepção segundo a qual era necessário proporcionar ao aluno uma visão mais global, ou seja, dar ao futuro humanista uma carga básica de conhecimentos que abrangesse também os conteúdos físicos, químicos, biológicos e matemáticos da vida-humana e seu ambiente, assim como municiar o futuro cientista dos conteúdos filosóficos, literários, históricos, geográficos e sociológicos. Começou-se a esboçar até um regime de ensino que abolia a divisão das duas tendências por uma só chamada de, simplesmente, curso colegial. Era assim que teóricos entendiam na época o humanismo: a capacidade de discernir a vida humana em toda sua complexidade.

## MUDANÇAS

Desde então o Brasil mudou e com ele sua filosofia de ensino. Hoje, prepondera a preocupação pragmática de responder às pressões sociais de superpovoamento e urbanização. A consequência foi a criação de terminalidades profissionalizantes no ensino de segundo grau as custas daqueles conteúdos considerados demasiadamente acadêmicos e ineficazes, na preparação da juventude ao trabalho e, portanto, a sua adequação na vida produtiva da sociedade.

A antiga tendência de eliminar a dicotomia humanismo-ciência converteu-se na prática atual na unificação de todo o ensino, indistintamente, objetivando a preparar o aluno para o mercado de trabalho. A escola humanista típica acabaria se preocupando com a formação do técnico, e as escolas técnicas, cujo objetivo funcional primeiro era aquele em proporcionar a seus alunos uma formação-geral mais ampla.

O ensino pré-universitário foi, assim diminuído em um ano, as cargas horárias das disciplinas tradicionais reduzidas, eliminando-se de vez o ensino do latim no primeiro e segundo graus (e até em grande parte dos cursos universitários) e da filosofia (que ainda resiste em algumas escolas) alterando-se profundamente o alcance

do ensino de história, literatura, língua portuguesa, etc...

No horário aberto desse modo, "já que o período de aula não espicha", como comenta o professor Plínio da Silva Russomano, titular da cadeira de História da América e diretor do Departamento de Assuntos Estudantis da UFRGS, professor secundário desde 1948, incluíram-se as terminalidades profissionalizantes. O resultado? No parecer de Russomano "uma crise", opinião que reflete a da maioria dos entrevistados. Primeiro, porque não se conseguiu criar realmente o técnico de nível médio. Segundo, porque se prostergeou o ensino humanístico. Terceiro, porque se decretou a decadência de muitas escolas técnicas especializadas. E quarto, porque se exige do adolescente de 16 anos que buscará a universidade apesar da terminalidade, uma definição profissional de nível superior prematura em face de sua inexperiência.

Passados sete anos da lei 5692, que instituiu a Reforma do Ensino, chegou a hora do balanço.

## BALANÇO

No contexto da migração do campo para a cidade, e do norte para o sul, além da alta taxa demográfica, "o governo optou pela profissionalização indiscriminada do ensino secundário", como explica Russomano. A opção de "democratizar e não elitizar o ensino", enfrentando o problema da quantidade, tentando abrir novas opções para os jovens que afluíam em massa para as universidades, que não davam conta dos pedidos de ingresso, profissionalizando o segundo grau, encontraria dificuldades financeiras e de recursos humanos para ser implantada. Primeiro porque seria necessário construir escolas adaptadas ao ensino técnico; segundo, porque não se dispunha de professores qualificados. "Os professores do segundo grau são egressos das antigas faculdades de filosofia, ou dos Institutos de Filosofia. Eles são preparados para dar um ensino humanístico, que não é o tipo de ensino técnico", diz Russomano.

A qualidade caiu. Isto parece ponto pacífico. Hoje o vestibulando recebe um acervo cultural muito mais pobre e chega à universidade, em qualquer de seus cursos, com serias deficiências. "Eu acho que chegou a hora e

já se sente, já se nota sintomas de preocupação neste sentido, das autoridades e dos responsáveis pelo ensino nacional a começarem a pensar um pouco na qualidade".

## EXEMPLOS

Russomano cita exemplos de sua área de especialização, a geografia e a história. "Na história é fundamental que o aluno adquira a noção do tempo assim como na geografia é fundamental a noção de espaço. Mas esta noção de tempo depende de que se dê toda a matéria de história, uma visão geral da história. Mas como é que eu, como é que os professores de história vão dar a visão geral de história para o aluno se ele, no caso do professor de primeiro grau, tem, muitas vezes, como é meu caso, uma aula de história por semana?".

No caso da geografia não é diferente aí o fundamental é a noção de espaço. "Mas para o aluno ter a noção de espaço, ele tem que estudar a geografia de todos os continentes, fazer uma enorme quantidade de mapas. E a história depende da geografia, é importante que o aluno de história se situe no espaço".

Mas, para Russomano, o ensino humanístico não é apenas o ensino de história, geografia, latim; português. "É um conjunto. É a matemática com cinco períodos é a física com cinco períodos, a química com quatro períodos, a biologia com cinco períodos. É um conjunto, o conhecimento é um só. De modo que o ensino humanístico deve dar uma visão geral de tudo".

## OPÇÕES

A atual realidade exige medidas corretivas. Este também é um consenso entre os educadores. Não pela criação de um sistema utópico, desvinculado dos problemas sociais brasileiros, que incentive o academismo como o va-

lor supremo, esquecendo-se dos milhares de jovens desamparados e despreparados para o trabalho. Mas a esta distorção equivale o atual quadro, ou seja, uniformizar todo o regime de ensino numa profissionalização indiscriminada que interessa somente a estas camadas da sociedade que não aspiram e não aspirarão a universidade, seja qual for o sistema de ensino. Assim, aponta Russomano, restam algumas opções. A primeira, diminuir o número de terminalidades nas escolas tradicionais, reforçando o ensino humanístico visando à formação superior. A segunda, "criar escolas técnicas de nível médio para atender os que sequer pensam na universidade geralmente os oriundos das faixas menos favorecidas. Se o país precisa de técnicos vamos tirar estes técnicos de nível médio do contingente que não aspira à universidade e pretende exatamente esse nível de formação. De outro lado, devemos continuar dando aquela faixa de sociedade que aspira à universidade um ensino tradicional portanto de tendência humanista".

Ele propõe ainda criar extensões de escolas técnicas tradicionais (SENAC, Parobé, Protásio Alves, Ernesto Dornelles) nas zonas periféricas da cidade. "Ali as matrizes dariam cursos menos sofisticados como cabelereiro, pedreiro, marceneiro, etc..."

O que não se pode é esquecer a qualidade de ensino. Hoje os jovens cada vez escrevem menos lêem menos, chegando assim à universidade que enfrenta a crise de ter que ensinar forçosamente menos, porque menos sabem seus alunos.

Outros três professores abordam a seguir as dimensões do problema relativamente ao ensino de Latim, Filosofia, Literatura e Língua Portuguesa.

## TIPOGRAFIA LUCHETTA LTDA.

IMPRESSOS EM GERAL  
"ATENDEMOS BEM PARA  
ATENDER SEMPRE".

BLUMENAU: Rua Floriano Peixoto, 200 — Anexo ao estacionamento Golden Star.  
ITAJAI: Rua Hercílio Luz, 309 2º andar — Sala 8 — fone 44-0315

# Cinema

## Glauber Rocha defende o Cinema Novo

Ao confessar que está disposto a criar polêmica sobre tudo com os inimigos do Cinema Novo, o cineasta Glauber Rocha classificou a recente campanha contra a Embrafilme, acusada de corrupção, como "a velha luta do imperialismo contra o cinema brasileiro, a velha luta dos intelectuais brasileiros e dos cineastas fracassados contra o grupo do Cinema Novo".

Para o cineasta, quem quiser destruir o Cinema Novo que faça filmes melhores, já que aquele movimento colocasse em posição de vanguarda revolucionária, desconhecendo os outros partidos políticos e se dá o direito de tomar suas próprias responsabilidades. "Nós não seremos tutelados por ninguém", garante Glauber Rocha.

Em entrevista exclusiva ao jornal "Ganga Bruta", órgão da Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro, o cineasta faz um histórico de sua fil-

mografia e revela que "Cabeças Cortadas", um dos seus mais recentes filmes, é uma obra fora do tempo em razão do longo período em que esteve interdito pela censura Federal.

"Cabeças Cortadas" é um filme contra as ditaduras, é o funeral das ditaduras. Trato de um personagem que seria o encontro apocalíptico de Peron com Franco nas ruínas da civilização latino-americana. Me parece que será um filme muito bem digerido pelas platéias que estão digerindo "Novecento".

Filme espanhol, com elenco internacional e legendas em português "Cabeças Cortadas" segundo o autor, vai fazer com que o público veja, também, um ato de descolonização de um diretor brasileiro dirigindo fora do país. Depois de ressaltar que os "críticos caretas" consideram seu filme como "hermético, subjetivo, simbólico e metafórico", enquanto que os críticos das "patrulhas in-

deológicas" acusarão a obra de "não refletir a realidade nacional", Glauber Rocha confessa:

"O filme é uma provocação de caráter estético e artístico.

A Embrafilme, segundo o cineasta, foi construída pelo Cinema Novo e, portanto, toda essa campanha contra a empresa estatal responsável pelo cinema brasileiro tem, como objetivo básico a reafirmação da tese de que o Cinema Novo morreu. Mas Glauber Rocha contesta revelando que o movimento só é composto por doze integrantes e que todos os filmes que "fazem sucesso" são nossos e dos novos cineastas".

O autor de "Cabeças Cortadas", cuja exibição comercial deverá custar 100 cruzeiros por espectador, apesar das suas frequentes investidas contra pessoas, grupos e instituições do cinema, afirma que está disposto a se reconciliar, "mas dentro de uma

base democrática e com filme na tela".

Com 20 páginas, tiragem de cinco mil exemplares e circulação nacional (existem mais de 150 cineclubes em todo o País), o jornal "Ganga Bruta" começou a circular hoje no Rio e, a partir de agora, terá sua periodicidade (bimestral) respeitada. O primeiro número, que saiu em agosto do ano passado, serviu como um teste junto ao mercado e, diante dos resultados positivos, seus editores resolveram levar o projeto adiante. Vendido a 10 cruzeiros, "Ganga Bruta" deverá introduzir, brevemente, o sistema de assinaturas anuais. Neste seu segundo número, "Ganga Bruta" apresenta, além da entrevista de Glauber Rocha, um catálogo completo dos filmes à disposição na Dinafilme, o que é preciso para ser criado um cineclubes e resenhas críticas dos filmes "Lira do Delfino", "Tudo bem" e "O Desconhecido".

## TV - Filmes Culturais Obrigatórios

A obrigatoriedade da apresentação do filme de cultura brasileiro de curta-metragem na televisão foi defendida, pelos dirigentes da Associação Brasileira de Documentaristas, durante um encontro com os ministros da Comunicações, Euclides Quant de Oliveira e Euro Brandão, da Educação, que apoiaram a reivindicação.

Os dirigentes da ABD entregaram aos ministros um documento com resultados do encontro nacional realizado em Brasília, no período de 27 a 29 de janeiro. Durante a audiência com Quant de Oliveira, eles destacaram, também a necessidade de se incenti-

var a instalação de mais salas de exibição e da regionalização do curta-metragem, no sentido de que os filmes sejam realizados e expostos fora do eixo Rio-São Paulo. Segundo eles, entre outras vantagens, estas medidas ampliaram o mercado de trabalho.

Durante o encontro com Quant de Oliveira, e depois com Euro Brandão os dirigentes da ABD defenderam, ainda, a importância de ultrapassar a fase de marginalização do exibidor, "porque o maior problema enfrentado pelo filme brasileiro curta-metragem dentro do tripé — produção, divulgação e exibição — é justamente este ul-

timo" observaram.

O documento entregue ao ministro mostra entre outras resoluções do encontro da ABD, a criação do Conselho Nacional das Associações Brasileiras de Documentaristas; a defesa da integridade da lei que criou a obrigatoriedade de exibição do curta-metragem brasileiro e o aperfeiçoamento desta legislação; a imediata aplicação das resoluções da comissão interministerial (Ministério das Comunicações e da Educação e Cultura) relativas as exibições do filme cultural brasileiro de curta-metragem na televisão, a ampliação das linhas de apoio ao curta-metragem pelos órgãos oficiais res-

ponsáveis pela política cinematográfica e a importância na política de descentralização da produção cinematográfica, através do fortalecimento dos polos já existentes e da criação de novos convênios com os governos estaduais em fases mais concretas e realistas.

Os dirigentes da ABD defenderam, ainda, que a Embrafilme continue sendo dirigida por "um legítimo representante da produção cinematográfica, a fim de que seja garantida a continuidade da política de defesa e desenvolvimento do cinema nacional".

**CLICFILM**

Rápidez, qualidade e precisão em seus serviços.

Fotofios, Clichês, Desenhos, Composições, e Fotocomposições.

Rua Arvin Schreiber 100 (sada p/ BR 101) - Fone (0473) 22-2894 - Burelax 60

# LIVROS

GRANVILLE H. SEWELL — ADMINISTRAÇÃO E CONTROLE DA QUALIDADE AMBIENTAL — 304 páginas — Cr\$ 220,00.

O controle ambiental revela-se como um dos maiores desafios da sociedade moderna. Um grande esforço já foi feito no sentido de controlar os seus defeitos desastrosos. Os conhecimentos científico e aplicação das ciências sociais, no entanto, precisam unir-se ainda mais à inspiração criativa, para encontrar as saídas do atual impasse.

EDITORA MCPRAW — HILL DO BRASIL  
CLÁUDIO DE MOURA CASTRO — A PRÁTICA DA PESQUISA — 162 págs.

Este livro é o resultado de sete anos de experiência de um professor de cursos sobre métodos de pesquisa para alunos de pós-graduação em economia e educação.

Ressalta a importância de conceitos aparentemente óbvios e triviais: a natureza do processo científico e o que vem a ser pesquisa. Mas o livro trata ainda de assuntos tais como, uso da linguagem, a escolha do tema, estratégia geral, roteiro prático de uma pesquisa, tratando como último capítulo os problemas de gerência da pesquisa, visto tanto na perspectiva do próprio pesquisador como na direção da instituição onde o estudo tem lugar.

EDITORA AO LIVRO TÉCNICO S/A.

CARLY SILVA — GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL — UMA VISÃO GLOBAL — 290 págs. — Cr\$ 160,00.

Um retrato de corpo inteiro, rigorosamente atualizado da gramática transformacional — assim o autor apresenta o seu livro. Trata-se de uma obra abrangente, crítica e acessível sobre a corrente linguística mais debatida em nossos dias.

EDIÇÕES QUIRON/MEC

LÉLIA COELHO FROTA — MENINO DEITA-DO EM ALFA — 66 págs. — Cr\$ 30,00.

A autora, não se contenta somente em fazer poesia. Trata de descobri-la onde quer que se manifeste, sobretudo nas boas e caudalosas fontes populares. Como ontem, ou mais do que ontem, é possível que hoje a poesia não tenha importância. Nem por isso deixará de existir, tanto quanto existem os que vivem dela e para ela. É um destino.

HELOISA MARANHÃO — CASTELO INTERIOR & MORADAS — 178 págs. — Cr\$ 55,00.

Mistura de tradição e aventura é como se pode resumir a força da poesia que este volume revela. Sendo uma pessoa que executa uma poesia, Heloisa Maranhão é também a representante de uma comunidade que se lembra de todas as poesias passadas e empreende a difícil tarefa de criar uma poética futura.

AFONSO FÉLIX DE SOUSA — CHÃO BÁSICO & ITINERÁRIO LESTE — 84 págs. — Cr\$ 35,00

Este livro vem mais uma vez confirmar a peculiar natureza do poeta. Criador de uma poesia que resulta sempre de uma experiência fundamente vivida e de uma esperança sempre latente. Poeta visceralmente entregue à convivência amável com o outro, com o dia-a-dia em sua realidade palpável e emotiva, está entre os que assumiram de maneira radical não só a sua autenticidade interior, como a própria condição humana, onde os destinos dos homens se cumpre e que a poesia eterniza.

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA  
ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA Nº. 6 — Cr\$ 60,00.

Sob a direção de Ênio Silveira e Moacyr Félix continua a brilhante idéia da editora em realizar estes encontros. São ensaios, entrevistas, contos e crônicas, que traçam um perfil novo e inédito, sobre o que se pensa e se faz, em literatura aqui no Brasil, e no exterior.

Dinâmica e contemporânea, não deixa portanto, esta publicação, de ser uma proposta para o diálogo e o debate.

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA  
JUAREZ BARROSO — DOUTORA ISA — 174 páginas — Cr\$ 99,00.

Infelizmente, o autor, roubado à literatura brasileira e à convivência de todos pela morte prematura e cruel antes que pudesse dar por terminada esta sua obra prima. A história irônica, picante, e também dramática de Margô, prostituta de Fortaleza que, fugindo à repressão policial, se interna e se redime no sertão do Matias. Quem finaliza a obra, por ser grande amigo do autor, e conhecedor do enredo do romance, é o autor Mário Pontes.

EDIÇÃO UNIVERSITÁRIA DE DIREITO  
J.V. CASTELO BRANCO ROCHA — O PÁTRIO PODER — 326 páginas.

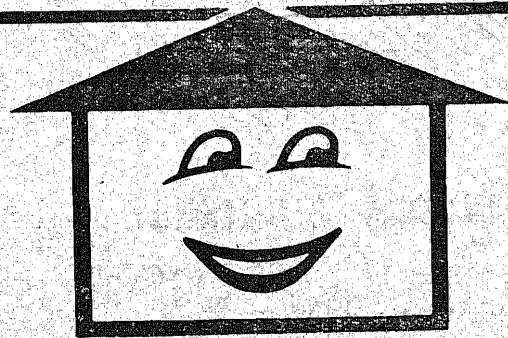
É um livro atualizado, por realizar uma abordagem mais ampla dos assuntos examinados, cogitando de outros, anteriormente omitidos.

EDITORA SULINA  
ARTUR ARÃO — O VINGADOR — 240 págs.

Com este autor, pode-se lembrar: "quanta bilis se pouparia se ficasse bem claro este ponto — ser a favor ou contra o regional, não faz sentido como gênero literário". Numa prosa desprentesiosa de contador de casos uma voragem de encadeamentos permanentes de sucessos, da primeira a última página, tira o folego do autor.

ALCY CHEUCHE — ROMANCE DOS SETE POVOS DAS MISSÕES — 180 páginas.

É necessário frizar antes de mais nada, que os direitos autorais deste livro, serão doados para a libertação de Flávia Schilling. Quanto ao livro de narrativa, ágil, desembaraçada, muitas vezes poética, metáforas apropriadas; recria romanescamente a vida diária dos silvícolas cristianizados que habitaram as regiões guarany dos sete povos das missões.



**A CASINHA AGORA  
ESTÁ SORRINDO  
TAMBÉM NO GARCIA**

**PROBST** — Rua Amazonas, 3.176

# LIVROS

## EDITORA ARTENOVA

NIKOLAUS PEVSNER — JOHN FLEMING E HUGH HONOUR — DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE ARQUITETURA 272 págs. Cr\$ 165,00

Para quem está interessado em arquitetura, este livro, permite um conhecimento do panorama da arquitetura mundial. Apresenta de uma forma clara e concisa, algumas vezes com desenhos, os diferentes elementos arquitetônicos de construção.

## EDITORA NELPA LTDA.

PROF. NELSON GODOY BRASIL DOWER — CURSO MODERNO DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL (1º. volume)

Este livro, contém no final de cada capítulo, as mais recentes emendas de jurisprudência. Além disso, iniciando cada capítulo com um caso da vida real, para chegar ao ensinamento do direito apresenta, ainda, um método totalmente novo, pois alia o aspecto casuístico com o teórico.

## EDITORA APEC S.A.

MILTON FRIEDMAN — TEORIA DOS PREÇOS — 320 páginas.

A característica principal, de como o assunto é tratado neste livro, é que Friedman desenvolve todos os princípios fundamentais da Teoria Econômica, a um nível de grande detalhe sem, porém, lançar mão de um instrumental matemático sofisticado ou mesmo abusar dos exercícios geométricos.

CARLOS GERALDO LANGONI — 'A POLÍTICA ECONÔMICA DO DESENVOLVIMENTO' — 128 páginas.

Aqui, reunidos, encontram-se alguns dos principais trabalhos do professor Langoni. Trabalhos estes, apresentados nos últimos quatro anos nos mais diferentes auditórios como resultado de sua intensa atividade nos debates públicos dos grandes problemas econômicos nacionais, como pano de fundo de todo o trabalho, está a relação entre o esforço de institucionalização de uma sociedade aberta e pluralista.

## COEDIÇÃO GLOBAL/GROUND

PROF. GREGÓRIO F. BAREMBLITT — PROGRESSOS E RETROCESSOS EM PSIQUIATRIA E PSICANÁLISE — 136 páginas.

Entre os temas principais tratados neste livro, está a história do movimento psicanalítico com a avaliação de suas ortodoxias e dissidências, e finalmente um exame crítico do papel social da ciência freudiana.

## EDITORA ALFA-OMEGA

JORGE ESCOSTEGUY — CUBA HOJE — 20 ANOS DE REVOLUÇÃO — 182 páginas.

É o primeiro livro do jornalista Jorge Escostegy. Na realidade, trata-se mais de um passaporte para Cuba. Um dos raros países com quem o Brasil não mantém relações diplomáticas. E contribui para que o leitor compreenda de que forma se pôde construir uma república socialista a somente noventa milhas dos Estados Unidos.

## EDITORA COMUNICAÇÃO

ELZA BEATRIZ - SILENCIO ARMADO - 76 págs.

A autora é natural de Belo Horizonte. Da sua poesia, quem melhor diz é Fritz Teixeira de Salles. O texto procura captar o que existe de suave e leve nas coisas, mas sem emitir o sentido de realidade e projeção cotidiana.

BEVERLY S. HOLDEN — O PACTO DE LA-TRÁ — 156 páginas.

Cheio de tramas e mistérios e com um desfecho inesperado, o livro desafia o leitor a decifrar o enigma que envolve a profanação de um templo acompanhada da morte de um velho sacerdote.

EDWALDO ZAMPIER — ATRÁS DO SOL — 92 — páginas.

O autor, é um estudante de vinte e um ano de idade, que vive com textos de teatro, poesia e contos. Os seus contos, transitam entre os adiantamentos intermináveis e as fugas e desvios costumeiros das pessoas solitárias e socialmente isoladas.

## EDITORA NOVA FRONTEIRA

MARIALZIRA PERESTRELLO — RUAS CALADAS — 64 págs. Cr\$ 70,00.

Ruas Caladas reúne poemas cuja finalidade é abrigar as emoções do cotidiano, os relâmpagos de vida em seus instantes fugidos, buscando mais íntima substância da realidade, e construindo, verso a verso, uma espécie de antevisão de um mundo em que os homens poderão viver aberta e plenamente.

## EDITORA IPEA

PESQUISA E PLANEJAMENTO ECONÔMICO (revista) 866 páginas.

Trata-se de uma revista que enfoca neste número, doze assuntos relacionados com o assunto Economia. Educação, Desigualdade de renda no Brasil, Moeda: política comercial e exportação, agricultura, realidade inflacionária, são alguns dos assuntos mencionados. Trazendo ainda, referências bibliográficas de Wilhelm Hankel e Stuart Holland.

COEDIÇÃO E.P.U. — SPRINGER — EDUSP — HALLEN — NEUROLOGIA PRÁTICA — 350 páginas — Cr\$ 360,00.

O livro fornece uma concisa introdução do diagnóstico neurológico, acompanhado de excelentes desenhos esquemáticos e tabelas. Os conhecimentos básicos de terapêutica são apresentados de forma didática, tornando-o por isso um compêndio de grande utilidade nos cursos de Neurologia e na recapitulação da matéria para os exames.

## COEDIÇÃO E.P.U. — EDUSP

HEIMSTRA E MCFARLING — PSICOLOGIA AMBIENTAL — 220 páginas — Cr\$ 220,00.

O objetivo principal deste livro é oferecer aos estudantes de diversas disciplinas correlatas uma introdução à Psicologia Ambiental, sejam eles das áreas de Psicologia, Educação, Ciências Sociais, Urbanismo, Arquitetura, Ecologia ou Construção Civil.



**INSTALADORA BLUMENAU**  
LUSTRE — DECORACÕES  
Rua XV Novembro, 1389 — F: 22-1264